

Do lugar de produção/recolha de coleções documentais do CE-DOHS: proposta para uma reconstrução com aplicação de recursos em modelagem 3D

From the place of production/collection of CE-DOHS documentary collections: proposal for a reconstruction with application of resources in 3D modeling

Priscila Starline Estrela Tuy Batista 

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
priscilatuy@gmail.com

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda 

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil
marianafagundes@uefs.br

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro 

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil
zenaidenovais@gmail.com

Igor Leal 

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil
ealsigor@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma proposta de reconstrução, em modelagem 3D, de construções arquitetônicas demolidas ou que estão estruturalmente comprometidas, identificadas como alguns dos lugares de produção/recolha de coleções documentais do projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS). Ao considerarmos as questões propostas no campo da História da Cultura Escrita (MALLON, 1952; PETRUCCI,

Editor-chefe

Marcus Dores e
Célia Lopes

Editor Associado

Maria Clara Paixão
de Sousa e Vanessa
Martins do Monte

Recebido: 30/05/2022

Aceito: 03/06/2023

Como citar:

BATISTA, Priscila
Starline Estrela Tuy;
LACERDA, Mariana
Fagundes de Oliveira;
CARNEIRO, Zenaide
de Oliveira Novais;
LEAL, Igor. Do lugar de
produção/recolha de
coleções documentais do
CE-DOHS: proposta para
uma reconstrução com
aplicação de recursos em
modelagem 3D. Revista
LaborHistórico, v.9, n.1,
e52714, 2023. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v9i1>

2003), a reconstrução desses lugares de produção/recolha se torna importante na investigação não apenas do texto escrito, datação, localização e recursos utilizados (instrumentos e modelos), mas, principalmente, sobre os escreventes e a função da escrita, fornecendo pistas sobre o ambiente sociocultural, a difusão social da escrita, a finalidade ideológica e social, em seu tempo e lugar. Assim, apresentamos imagens, reconstruídas em 3D, do primeiro lugar de produção/recolha de uma das coleções documentais que constituem o banco CE-DOHS: uma das casas citadas na coleção documental Família Estrela Tuy, situada na fazenda Mocambo, município de Biritinga, Bahia; trata-se do principal lugar de produção e recebimento das correspondências, recorrente na documentação (TUY BATISTA, 2017a e a sair).

Palavras-chave

Coleções documentais, Lugar de produção/recolha, Modelagem 3D, Humanidades Digitais, *Corpus* eletrônico.

Abstract

This article presents a proposal of reconstruction, in 3D modeling, of demolished architectural constructions or structurally damaged, identified as some places of production/collection of documentary collections of the *Corpus* Eletrônico de Documento Históricos do Sertão (CE-DOHS) project. When considering the questions proposed in the field of the History of Written Culture (MALLON, 1952; PETRUCCI, 2003), the reconstruction of these places of production/collection becomes relevant in the investigation not only of the written text, dating, location, resources used (instruments and models), but mainly on scribes and the function of writing, providing clues about the sociocultural environment, the social diffusion of writing, the ideological and social purpose in its time and place. Thus, we present images, reconstructed in 3D, of the first place of production/collection of one of the documentary collections that make up the CE-DOHS bank: one of the houses mentioned in the documentary collection Família Estrela Tuy, located on the Mocambo farm, municipality of Biritinga, Bahia; it is the principal place of production and receipt of correspondence, recurrent in the documentation (TUY BATISTA, 2017a and forthcoming).

Keywords

Documentary collections, Production/collectionplace, 3d modeling, Digital Humanities, Electronic *Corpus*.

Introdução

Apresentamos, neste artigo, uma proposta de reconstrução – por meio de modelagem computacional ou modelagem 3D e captura fotorrealista de representações gráficas de projetos com características similares ao modelo real – de construções arquitetônicas, que já foram demolidas ou que estão estruturalmente comprometidas e que se configuram como lugares de produção/recolha de escrita de documentos de diferentes naturezas (pública, privada e particular), situações, períodos e lugares, citadas em coleções documentais utilizadas para formação de *corpora* e em pesquisas diversas. A Tecnologia da Informação com uso aplicado no âmbito das Humanidades Digitais é assumida aqui, de modo amplo, como “uma intrincada relação entre práticas tradicionais e novas tecnologias”¹, cujo crescimento exponencial abre novas possibilidades de aplicação.

Neste trabalho, em particular, ainda em fase inicial, propomos a reconstrução de algumas das casas e casarões citados nas coleções documentais que integram o *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS)² – do Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa (NELP)³ da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) –, os quais foram os lugares de produção/recolha das documentações, hoje estruturalmente comprometidos ou demolidos, o que impossibilita acessá-los. Esses lugares, importantes para a constituição da história de parte dos escreventes, serão reconstruídos com uso de diferentes ferramentas computacionais, *softwares* gráficos, entre outros, tais como: *SketchUp*, *3Ds Studio Max*, *Corona Renderer* e *Photoshop*.

As questões a serem consideradas, com o auxílio de novas tecnologias, estão enquadradas na *História Cultural* e, de forma específica, no campo da *História da Cultura Escrita*, desenvolvido, sobretudo, a partir do trabalho pioneiro de Mallon (1952), que aborda a escrita cotidiana; e, de modo particular, as questões propostas pelo paleógrafo italiano Petrucci (2003, p. 7-8, destaques nossos), com ênfase na questão (6), o lugar de produção, a saber:

1. *Qué?* En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción;
2. *Cuándo?* Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando;

¹ Sobre definição do termo e seu campo de atuação, cf. Paixão de Souza (2011). Disponível em <<https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama>>. Acesso em dezembro de 2022. Outros trabalhos subsequentes podem ser acessados em: <https://humanidadesdigitais.org/producao-cientifica/>.

² CE-DOHS/NELP/UEFS, disponível em: <<http://www.uefs.br/cedohs/>>. Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda.

³ NELP/UEFS, disponível em: <<https://nelp.uefs.br/>>. Coordenado por Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda.

3. *Dónde?* Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción;
4. *Cómo?* Com qué técnicas, com qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto;
5. *Quién lo realizo?* A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura;
6. *Para qué fue escrito ese texto?*Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podía ser en su época y en su **lugar de producción** la finalidad ideológica y social de escribir⁴.

O lugar de produção/recolha apresentado neste texto – a título de ilustração e podendo servir como modelo para tratamento da questão em diversos tipos de coleções documentais, períodos e lugares – está citado na coleção documental Família Estrela Tuy, uma coleção privada, que apresenta algumas singularidades, que nos impõem que as questões de 1 a 6, supracitadas, sejam tratadas de forma interrelacionada, o que é feito na sequência.

Coleções documentais

As coleções documentais de guarda privada são compostas, em geral, por cartas, fotografias e documentos diversos, os chamados “papéis velhos”, guardados em baús, embaixo de colchões e afins, sujeitos ao desgaste natural do tempo; quando sobrevivem, já atestam, por si só, uma raridade.

Coleções como a da Família Estrela Tuy, que representa outras do mesmo tipo, disponíveis no CE-DOHS, são caracterizadas como de guarda pessoal e privada de documentos, em oposição às coleções do tipo público. São “testemunhos” da vida cotidiana, cujos lugares de produção/recolha, quando acessíveis, também são testemunhos de uma vivência cotidiana, de forma bastante realista, trazendo informações inéditas, com pistas relevantes e raras sobre as coleções, sobretudo se forem os documentos produzidos por indivíduos das classes menos favorecidas. Esses tipos de coleções documentais privadas, conforme destaca Amando Petrucci (1999, p. 29-30), são raras, também por serem remanescentes de situações, tais como dispersão arquivística e mínimo quociente de durabilidade, como abordado por Oliveira (2009).

⁴ 1) *O quê?* Em que consiste o texto escrito, o que precisa ser transferido para o código gráfico habitual para nós, através da dupla operação de leitura e transcrição; 2) *Quando?* Tempo em que o próprio texto foi escrito no depoimento que estamos estudando; 3) *Onde?* Zona ou local onde foi realizado o trabalho de transcrição; 4) *Como?* Com que técnicas, com que instrumentos, com que materiais, de acordo com que modelos esse texto foi escrito; 5) *Quem fez isso?* A que ambiente sociocultural pertencia o executor e qual foi a difusão social da escrita em seu tempo e ambiente; 6) *Por que esse texto foi escrito?* Qual era a finalidade específica daquele depoimento particular e, além disso, qual poderia ser a finalidade ideológica e social da escrita em seu tempo e lugar de produção (tradução nossa).

Os reflexos desse tipo de situação na formação de *corpora* constituídos de coleções documentais dessa natureza são tratados por Mattos e Silva (2002) no artigo *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*, no qual a autora apresenta os caminhos a percorrer para a reconstrução, por aproximação, das duas histórias. Se, por um lado, a documentação produzida por brasileiros muito escolarizados, educados em regiões urbanas, são mais abundantes, os textos escritos por brasileiros médio ou pouco escolarizados, por outro lado, são raríssimos, por razões diversas.

Coleções documentais privadas, como a coleção apresentada no presente texto, desvelam um universo que traz informações de detalhes do cotidiano, que, *mutatis mutandis*, assemelha-se à história do moleiro Domenico Scandella (1532-1600), também conhecido por Menocchio, que culminou na criação do método indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1987) em *O Queijo e os Vermes* e em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), coletâneas de ensaios que trazem reflexões críticas sobre a importância de considerar aspectos que, até então, eram negligenciados em pesquisas históricas; trata-se da *Nova História* ou *Nouvelle Histoire*, estabelecida na década de 1970 do século XX, ou a 3ª geração da *Escola dos Annales*, com trabalhos importantes, como os de Le Goff (1978) e Le Goff e Nora (1974), entre outros. As coleções referidas, portanto, abrem possibilidades de exploração das minúcias, sendo possível contar a história, trazendo detalhes cujo valor outrora não se reconhecia. A proposta que o CE-DOHS coloca, defendida neste artigo, de analisar a “casa” se justifica pela possibilidade de inserir o consulente no universo do lugar de produção/recolha, a partir de extensa pesquisa documental e por meio da reconstrução arquitetônica, em modelagem 3D. Recupera-se, assim, na era das Humanidades Digitais, um universo que estava perdido, valorizando a relação entre práticas tradicionais e novas tecnologias.

Do lugar de produção/recolha: “a casa”

A “casa”, em si, reflete, de forma singular, um ambiente de formação social, histórica e antropológica do Brasil, opondo rural e urbano; de um lado, moradias rebuscadas, imponentes, verticais e com mobiliários europeus e, de outro, moradias em versões mais simples, horizontais e com mobiliário com predomínio das influências ameríndias e africanas. Da casa-grande patriarcal e vertical à casa do caboclo e dos mocambos rurais e urbanos de forte influência ameríndia e africana, de aparência frágil e horizontal⁵. A forma de morar informa sobre as classes sociais⁶.

⁵ Cf. Freyre (1933; 1936).

⁶ Cf. Mattoso (1992, p. 598-599) para as classes sociais de Salvador no século XIX e Vilhena (1969 [1798-1799]) para o século XVIII.

Sobre as edificações brasileiras no século XIX, Poncioni (2010) destaca um trecho de uma das cartas de Louis Léger Vauthier, em estadia em Pernambuco, entre 1840 e 1846, relatando uma visita a um engenho e fazendo pedido para visitar a senzala; conforme a autora, a carta retrata as diferenças entre a Casa Grande e a senzala:

Vamos agora dar uma olhada nas habitações dos negros, mesmo se nosso anfitrião fique surpreendido com a manifestação dessa estranha curiosidade. É difícil que uma habitação humana possa ser reduzida a uma expressão mais simples [...]. É lá que vegeta, se propaga, envelhece e morra esta população humilde, doce e submissa, essa raça duramente explorada, à qual foi tão fatal a comisseração do bom *Las Casas* em relação aos índios desgraçados. Nada é mais monótono do que essas existências voltadas a um trabalho do qual a inteligência foi banida e que não solicita as vivificantes esperanças, objetivos incessantes dos esforços humanos. Uma melhor situação que se quer alcançar, uma família a conquistar, o repouso da velhice a garantir; nenhum desses pensamentos pode reconfortar esses corações humanos. Quer os canaviais estejam verdejantes, quer a seca os faça amarelos, quer a planta seque prematuramente, seu destino não será nem melhor nem pior. Todos os dias receberão a mesma cuia de mandioca, o mesmo pedaço de carne seca ou de bacalhau; será sempre duas vezes por anos, a mesma camisa, as mesmas calças e o mesmo chapéu de palha. O tempo da safra, época de festejos para os senhores, só varia um pouco o trabalho ao aumentar a fadiga (PONCIONI, 2010, p. 125)⁷.

Desse modo, a casa, vista do ponto de vista arquitetônico, reflete também valores antropológico, social e econômico. As casas, portanto, podem indicar quem as habita, quais atores, e fornecer pistas sobre as línguas que eles falavam, com implicações para perguntas de interesse da Linguística Histórica *Stricto Sensu*, aliada à Filologia⁸, nos termos de Mattos e Silva (2008), com base em uso de *corpora* extraídos de coleções documentais.

⁷ Cf. Poncioni, em *Brasil visto por Louis Léger Vauthier* (Pernambuco, 1840-1846) – *Diário e cartas. Navegações. Ensaios*. v. 3, n. 2, p. 121-129, jul./dez. 2010, página 125. Extraído de “Cartas Brasileiras de Vauthier”, *Um Engenheiro Francês no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, v. 2, p. 802-894. Segunda edição in *Arquitetura Civil I* (textos escolhidos da *Revista do Instituto Histórico e Artístico Nacional*) São Paulo, FAUUSP et MEC-IPHAN, 1975.

⁸ Carneiro (2005, p. 5-6) chama a atenção para o fato de que se, para “o filólogo, no cumprimento de suas funções, cabe a preocupação com a autenticidade do texto, localização espacial e temporal, etc., ao linguista cabe saber se se trata de documentos escritos por pessoas que têm essa língua como materna (L1) ou segunda língua (L2), uma vez que se defende que a gramática é construída durante a aquisição da linguagem”. Para os pesquisadores “em Linguística Histórica, numa perspectiva gerativa, que utilizam os dados reais de língua-E para extrair uma gramática abstrata, a língua-I, a metodologia impõe o como analisar as construções de língua-E.”

A “casa” dá pistas sobre os indivíduos, cuja língua, segundo Lucchesi (1994; 2001)⁹, ter-se-ia constituído a partir de duas grandes vertentes principais, oriundas de situações sócio-históricas no Brasil, assim definidas:

1. De um lado, os pequenos centros urbanos, onde se situavam os órgãos da administração colonial, sob forte influência cultural e linguística da Metrópole. A elite colonial era naturalmente bastante zelosa dos valores europeus, buscando assimilar e preservar ao máximo (o que é previsível nessas situações) os modelos de cultura e de língua vindos d’além-mar.
2. A outra vertente da formação da língua no Brasil fincou suas raízes no interior do país, para onde se dirigiu a maior parte da população no período colonial. Fora dos reduzidos centros da elite, nas mais diversas regiões do país, o português era levado, não pela fala de uma aristocracia de altos funcionários ou de ricos comerciantes, mas pela fala rude e plebeia dos colonos pobres.

O uso da Tecnologia da Informação para a constituição de *corpora* voltada ao estudo das línguas favorece, conforme Paixão de Souza (2015),

a crescente integração de tecnologias computacionais às pesquisas em ‘humanidades’ – processo que alguns consideram inexorável, e que colocaria desafios importantes para as humanidades e suas práticas tradicionais. Para alguns pesquisadores, essa integração e os desafios que ela coloca mereceram atenção suficiente para compor uma comunidade de práticas unida em torno de um termo próprio (PAIXÃO DE SOUSA, 2015).

A reconstrução em 3D de casarões, casas de fazendas do sertão baiano, entre outras lugares relativos à base documental do projeto CE-DOHS, permite-nos conhecer e (re)visitar, por meio de *tour* virtual, lugares importantes na história das comunidades envolvidas, auxiliando-nos na compreensão do contexto sociocultural e contribuindo para a preservação da memória histórica. A reconstrução desses lugares, ainda, auxilia-nos na investigação sobre “quem escreveu” e na discussão sobre em que medida a construção arquitetônica representa a realidade do escrevente. Além disso, a reconstrução em 3D torna as coleções documentais mais atrativas, não só para pesquisadores interessados na investigação do português brasileiro ou na história do sertão, mas também para o público em geral e para professores da Educação Básica, que poderão utilizar, em suas aulas, a documentação e as imagens das casas

⁹ Lucchesi (1994; 2001) concebe o português do Brasil como um sistema não apenas heterogêneo e variável, mas plural, um diassistema formado por dois subsistemas, por sua vez, igualmente heterogêneos e variáveis, definidos como “normas”. Distingue-se, fortemente, de Silva Neto (1986 [1950], p. 234-235), sobre a unidade e o conservadorismo no português do Brasil e, sobretudo, da visão de uma suposta hierarquia de culturas.

e dos casarões, como material de apoio, seja para discutir acerca das variedades de língua, seja para abordar aspectos históricos desses lugares.

O NELP¹⁰ na era das Humanidades Digitais

O NELP/UEFS, o qual se volta especialmente ao estudo da história social e linguística do português brasileiro, passou a investir, a partir de 2010, seguindo a tendência das Humanidades Digitais, na apresentação de seu banco de textos em uma plataforma digital, por meio do projeto CE-DOHS.



Figura 1. Página inicial do site CE-DOHS.

Fonte: Site CE-DOHS (<http://www.uefs.br/cedohs/>).

Para tanto, tendo em vista a edição em linguagem *xml* dos textos – a partir da edição filológica tradicional, semidiplomática –, bem como sua anotação morfosintática, o CE-DOHS firmou convênio, em 2012, com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com termo aditivo de transferência de tecnologia, por meio de parceria com o projeto *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe, coordenado pela professora Charlotte Marie Chambelland Galves.

¹⁰ Completando, em 2023, 25 anos de história, o Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa (NELP) < <https://nelp.uefs.br/>>, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – criado pelas professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e coordenado, desde 2017, pela professora Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda – sempre se dedicou à constituição de *corpora* diacrônicos para estudo da história do português brasileiro, em parceria com o Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB), que reúne pesquisadores de diferentes instituições de Ensino Superior do Brasil, encontrando-se atualmente sua coordenação central na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Entre os objetivos do Núcleo, sempre esteve o diálogo com a Educação Básica, fortalecido a partir da criação do projeto NELP na sala de Aula: diálogos entre ensino, pesquisa e extensão, em 2017, pelas professoras Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, tendo, desde lá, sido realizados diversos eventos em parceria com o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UEFS, entre outras atividades. Em 2019, o NELP encerrou a etapa 1 da agenda de constituição de *corpus*, reunidos no seu banco de textos, o *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) <<http://www.uefs.br/cedohs/>>, coordenado pelas professoras supracitadas, 1.553 documentos, produzidos entre 1823 e 2000, e surgiu a ideia de fazer chegar às salas de aula e ao grande público essa rica base documental, por meio de *tour* virtual, com produções audiovisuais em 3D, disponibilizadas no site do projeto.

Segundo Carneiro e Lacerda (2019, p. 208),

A aproximação entre o campo filológico e o campo computacional – observada desde a década de 1990 – encontra-se atualmente em plena expansão. O trabalho em ambiente digital no campo da Filologia e da Linguística Histórica tem sido cada vez mais significativo, fazendo surgir, segundo Crane *et al.* (2008), uma nova Filologia, a *e-philology*, ou determinando, de acordo com Schreibman *et al.* (2004), o nascimento das Humanidades Digitais.

Nesses mais de 10 anos, desde sua criação, o CE-DOHS vem disponibilizando, na rede mundial de computadores, com acesso livre e gratuito, textos em diferentes versões de edição. O consulente, acessando a página *online* do CE-DOHS, encontra um banco de dados sociolinguísticos, sendo possível personalizar o *corpus*, de acordo com seus interesses de pesquisa.

O CE-DOHS resulta, como vimos, de uma intensa prospecção em fontes confiáveis, com textos editados de forma fidedigna e com autoria bem controlada. O pesquisador pode, acessando a plataforma, personalizar o *corpus*, de acordo com seu interesse; pode optar por separar os materiais, no que concerne ao autor, por: *etnia* (indígenas, brancos, negros do Brasil, mulatos, mamelucos e pardos); nível de escolarização e habilidade/inabilidade com a escrita; sexo; profissão; estratificação social; data e local de nascimento do autor (naturalidade e nacionalidade); no que concerne ao documento, pode separar materiais por: data e local de escrita, meio urbano e meio rural, para quem foi escrito e a quem foi destinado (SANTIAGO *et al.*, 2021, p. 324-325).

Os *corpora* eletrônicos constituídos fundamentalmente para análises linguísticas, dos quais o *Brown Corpus* (KUCERA, FRANCIS, 1967) é o primeiro representante, têm ganhado destaque nos dias correntes, e o NELP/UEFS dá a esse campo de trabalho uma grande contribuição, disponibilizando à comunidade científica e ao público em geral o CE-DOHS.

Na sequência, estão descritas, em síntese, a metodologia utilizada e a coleção documental selecionada para dar início à nova agenda do NELP/UEFS, que consiste na disponibilização de imagens de algumas das casas e casarões citados nas coleções documentais que integram o CE-DOHS, como lugares de produção/recolha da documentação, a partir da reconstrução em 3D fotorrealista. As primeiras imagens já estão disponíveis no site do CE-DOHS, o que oportunizará ao consulente navegar pelo banco, à maneira de museus virtuais.

As coleções documentais do CE-DOHS

As coleções documentais (manuscritos, impressos e amostras de fala) que compõem o CE-DOHS estão organizadas em dois conjuntos, de acordo com o período de produção:

Quadro 1. Coleções documentais disponíveis no CE-DOHS.

Conjunto 1	
Composto por manuscritos escritos entre 1823 e 2000, por indivíduos nascidos no Brasil, a partir de 1724; por impressos publicados entre 1830 e 2006; e por amostras de fala de brasileiros, gravadas nas últimas décadas do século XX.	
Manuscritos	1. Cartas para vários destinatários
	2. Cartas para Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo
	3. Cartas para Severino Vieira, governador da Bahia
	4. Cartas para Dantas Jr.
	5. Cartas baianas
	6. Correspondências amigas: Valente, Bahia
	7. Cartas em sisal: “mãos inábeis”
	8. Cartas da família Soledade
	9. Cartas da família Freire
	10. Coleção documental família Estrela Tuy
	11. Cartas marienses
	12. Cartas do cangaço
	13. Cartas da família Oliveira
	14. Livro de despesas e receitas da Irmandade do Santíssimo Sacramento, livros de batismo e atas de religiosos de municípios do sertão baiano
Impressos	1. Cartas de leitores, redatores e anúncios (1830-1893)
	2. Cartas de leitores, redatores e anúncios (1901-2006)
Amostras de fala	1. Piemonte da Diamantina: Piabas – Projeto a Língua Portuguesa do Semiárido Baiano: fala popular
	2. Chapada Diamantina: Barra dos Negros/Bananal – Projeto a Língua Portuguesa do Semiárido Baiano: fala popular
	3. Chapada Diamantina: Mato Grosso – Projeto a Língua Portuguesa do Semiárido Baiano: fala popular
	4. Nordeste/Jeremoabo: Casinhas – Projeto a Língua Portuguesa do Semiárido Baiano: fala popular
	5. Nordeste/Jeremoabo: Tapera – Projeto a Língua Portuguesa do Semiárido Baiano: fala popular
	6. Nordeste/Jeremoabo: Lagoa do Inácio – Projeto a Língua Portuguesa do Semiárido Baiano: fala popular
	7. Paraguaçu: Matinha – Projeto a Língua Portuguesa do Semiárido Baiano: fala popular
	8. Região Metropolitana: Salvador – Capital – Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador (PEPP): fala popular
	9. Região Metropolitana: Salvador – Capital – Projeto Norma Urbana Culta (NURC): fala culta
	10. Chapada Diamantina: Irecê – Projeto “Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão” (ELiHS): fala popular

Quadro 1. Cont.

Conjunto 2	
Composto por manuscritos produzidos entre 1640 e 1822, por diferentes populações nascidas no Brasil, a partir de 1590, e, como documentação adicional, por manuscritos produzidos por portugueses, no Brasil, nos primeiros 150 anos de colonização e por textos impressos e sem circulação, em Portugal, a pedido de brasileiros.	
Manuscritos	1. Carta do escrivão e fidalgo português Pero Vaz de Caminha
	2. Documentos escritos por portugueses no Brasil Colonial
	3. Coleção de Documentos Históricos do Arquivo Histórico Municipal de Salvador (AHMS), fundo Câmara Municipal: Série Atas da Casa de Audiência/Conselho da Câmara de Vereança/Senado da Câmara/Câmara Municipal de Salvador (1625-1700), opondo os escreventes brasileiros aos escreventes portugueses
	4. Coleção de Documentos Históricos do Arquivo Histórico Municipal de Salvador (AHMS), fundo Câmara Municipal: Série Cartas do Senado (1638-1673); (1673-1684); (1684-1692) e (1693-1698), opondo os escreventes brasileiros aos escreventes portugueses
	5. Documentos de André Vidal de Negreiros
	6. Documentos da família Vieira Ravasco
	7. Documentos de mamelucos do Brasil Colonial
	8. Documentos das Academias Brasílicas da Bahia dos setecentos: Agremiação/Academia Brasílica dos Esquecidos (1724-1725) e a Agremiação/Academia Brasílica dos Renascidos (1759-1760)
	9. Documentos notariais avulsos
	10. Documentos de comissários, qualificadores e notários da Inquisição Portuguesa na Bahia
	11. Documentos da Família Gomes Ferrão Castelo Branco
	12. Documentos dos Terços de Homens Pretos e Pardos
	13. Brejo do Campo Seco – Livro do Gado, Livro de Razão e outros documentos
	14. Plano sobre a Civilização dos Índios do Brasil
	15. Cartas, requerimentos, pareceres e afins com temática indígena da Capitania da Bahia do século XVIII
	16. Coleção Documental “Dossiê dos Índios”, relativa à Implantação da Nova Abrantes do Espírito Santo (1758-1759) e de outras vilas
	17. Coleção Documental dos irmãos José da Silva Lisboa e Balthasar da Silva Lisboa e de Domingos Alves Branco Muniz Barreto, na Bahia Colonial
	18. Coleção documental Petições de indígenas e mamelucos no Brasil Colonial
	19. Carta de Esperança Garcia
	20. Documentos notariais avulsos
Outros manuscritos (Tupi e português)	1. Coleção documental Cartas dos Índios Camarões no Brasil Colonial 2. Gramática setecentista na Amazônia do século XVIII
Impressos	1. Coleção Documental Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (Antônio Coelho Meireles): impressos 2. Coleção Documental de Frei Vicente do Salvador

Fonte: elaboração própria.

Coleção Documental Família Estrela Tuy (CDFET)

A CDFET reúne 152 correspondências (141 cartas, 8 bilhetes e 3 cartões), datadas do século XX, destinadas a noivos, familiares e amigos, versando sobre assuntos pessoais, além de negociações acerca de atividades agropecuárias. As correspondências foram recolhidas em duas etapas: na primeira, realizada em 2016, na cidade de Serrinha-BA, 120 documentos, depositados em um baú por Antonio Carneiro da Silva Tuy, ao longo do século XX, foram localizados e selecionados por Tuy Batista (2017a)¹¹; e, na segunda, realizada em 2019, na cidade de Alagoinhas-BA, 32 manuscritos foram localizados, selecionados e acrescentados ao conjunto por Tuy Batista (a sair).

A maior parte das correspondências está datada e localizada, havendo 36 sem a datação expressa e 57 sem o local de escrita declarado. Entretanto, a partir do conteúdo das correspondências e de entrevistas narrativas com alguns remetentes e destinatários, além de familiares e amigos desses indivíduos, foi possível inferir tais informações. No *Quadro 2*, é possível verificar a distribuição das correspondências, de acordo com a década de escrita.

Quadro 2. Distribuição da correspondência por década.

Período	Década	Quantidade
Primeira metade do século XX	1920	3
	1930	5
	1940	2
	1950	55
Segunda metade do século XX	1960	27
	1970	41
	1980	11
	1990	1
	2000	1
	Sem década definida	6
Total		152

Fonte: extraído de Tuy Batista (a sair).

Quanto aos locais de escrita, as correspondências são provenientes de localidades rurais e cidades do interior da Bahia, além de Salvador: 11 de Alagoinhas; 1 de Acajutiba; 1 da Mata de São João; 10 de Ouriçangas; 35 de Biritinga; 20 de Lamarão; 53 de Serrinha; 2 de Água Fria; 2 de Irará; 9 de Salvador; 1 de Camaçari; 1 de Dias D'Ávila; e 1 de Itapetinga. Há, ainda, outros 4 estados de onde foram remetidas

¹¹ As correspondências foram localizadas e selecionadas durante a pesquisa de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Sobre a primeira etapa da recolha, conferir a dissertação, disponível em: <<http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/598>>.

apenas 5 cartas: 1 de Maringá, Paraná; 1 de Natal, Rio Grande do Sul; 2 da capital São Paulo; e 1 de Governador Valadares, Minas Gerais.

Os 49 remetentes são brasileiros, nascidos entre 1890 e 1959. A maioria, com o local de nascimento comprovado ou inferido, é oriunda da Bahia (2 nasceram em Salvador; 33 em cidades do interior e na zona rural), e apenas 1 nasceu no estado de São Paulo. Os demais, 13 remetentes, não tiveram o local de nascimento identificado. Tais indivíduos têm níveis distintos de escolaridade¹²: 25 possuem as primeiras letras; 2 estudaram pouco em casa; 5 frequentaram os primeiros anos do ginásio; 6 possuem Ensino Médio completo; 14 sem informações.

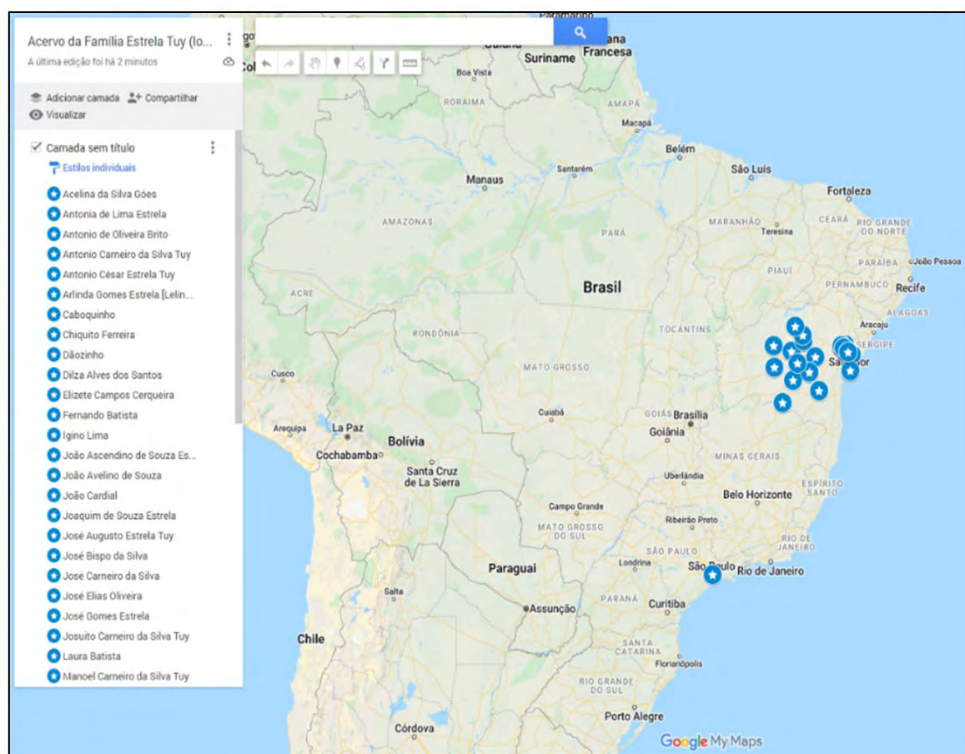


Figura 2. Print do mapa com os locais de nascimento, criado com uso do Google My Maps.

Fonte: extraído de Tuy Batista (a sair). Mapa disponível no site CE-DOHS – Locais de nascimento, Coleção Documental Família Estrela Tuy.

As correspondências foram enviadas a 28 destinatários: são noivos, familiares e amigos que enviaram correspondências para dar e pedir notícias sobre os demais familiares e amigos em comum; estado de saúde, viagens, festas e demais assuntos cotidianos. Há, também, correspondências que têm, como tema central, as atividades

¹² Maria de Fátima Estrela Carneiro Tuy escreveu ao longo de 20 anos; parte desse período foi concomitante com o período escolar. Essa remetente, por conseguinte, foi classificada em duas categorias: *Primeiros anos do ginásio* e *Ensino Médio completo*.

agropecuárias (prestação de contas de sociedade, plantação, compra e venda de produtos, entre outros)¹³.

Grande parte dos indivíduos nasceu e/ou cresceu no interior da Bahia, em localidades cuja economia é baseada na agricultura e pecuária. Entre os indivíduos moradores da zona rural, Tuy Batista (2017a) aponta que as mulheres exerciam atividades voltadas para os cuidados do lar e da família, e os homens se dedicavam às atividades agropecuárias, principalmente ao cultivo de feijão, milho, mandioca e fumo, além da criação de animais para venda e para consumo próprio. Alguns desses indivíduos foram para cidades, à procura de melhores oportunidades de trabalho e educação formal. Quanto aos remetentes que viviam nas cidades, quando da escrita das correspondências, alguns possuíam empregos formais, outros informais, e outros eram estudantes.

Duas coleções documentais e algumas histórias entrelaçadas

À primeira vista, não notamos qualquer ligação entre o *CDFET* e a coleção documental *Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo*; todavia, a partir do primoroso trabalho *Memória Histórica Genealógica dos Mendonça Bezerra – Ferreira Moura: Uma saga de religiosidade e colonização – desenvolvimento e atualização da árvore genealógica das principais famílias do Pedrão*¹⁴, de João da Costa Pinto Victoria, publicado em 2003, foi possível identificar o contraparentesco entre os membros das famílias Costa Pinto e Estrela Tuy, descendentes de Maria de Mendonça Bezerra e Francisco Ferreira de Moura, o casal fundador do Pedrão, Bahia. Além disso, a obra – que é resultado de muitos anos de pesquisa e dedicação do genealogista à investigação, ao desenvolvimento e à atualização da árvore genealógica dos integrantes das principais famílias colonizadoras do Pedrão – também fornece informações sobre

¹³ As informações sobre os remetentes e os destinatários foram coletadas a partir de entrevistas narrativas, realizadas com parte dos remetentes, familiares, contraparentes e amigos dos remetentes e dos destinatários, e de consultas à bibliografia disponível sobre as árvores genealógicas das famílias *Estrela e Tuy*.

¹⁴ De acordo com Victoria (2003), os esforços para a elaboração da genealogia dos descendentes do casal Francisco Ferreira de Moura e Maria Mendonça Bezerra, fundadores do Pedrão, datam de meados do século XIX, quando o coronel João de Araújo Fróes, na primeira tentativa que se tem notícia, relacionou os nomes, apelidos, datas e fatos concernentes à descendência do casal. Ainda segundo o genealogista, mais tarde, no início do século XX, o cônego vigário José Baptista da Silva Carneiro fez a segunda tentativa, sendo esse o vigário da freguesia do Santíssimo Coração de Jesus do Pedrão e testemunha de muitos fatos. A obra de João da Costa Pinto Victoria teve a sua primeira edição disponibilizada ao Instituto Genealógico da Bahia (IGB), em 2001, e uma segunda edição, a que utilizamos para este trabalho, em 2003.

outros integrantes da família Costa Pinto que figuram em outras coleções documentais que fazem parte do CE-DOHS: *Cartas do Acervo Dantas Jr.*¹⁵ e *Cartas Baianas*¹⁶.

De acordo com Victoria (2003), o português Francisco Ferreira de Moura passou para a província da Bahia, no Brasil, e se casou com Maria de Mendonça Bezerra, em 03 de março de 1710, na freguesia de Itapororocas, capela de Sant'Ana (hoje Matriz de Sant'Ana, Feira de Santana). Ainda de acordo com o genealogista, o casal teve, que se sabe, seis filhos: João Ferreira de Moura; André Ferreira de Moura; Manoel Ferreira de Moura; Maria Ferreira de Moura; Serafina Ferreira da Encarnação; e Eusébia Ferreira de Moura. As linhagens das irmãs Serafina Ferreira da Encarnação e Eusébia Ferreira de Moura deram origem às ramificações que resultaram nos integrantes das famílias Costa Pinto e Estrela Tuy, respectivamente.

No que concerne às coleções documentais que possuem membros da família Costa Pinto como remetentes e/ou destinatários, constatamos, portanto, a descendência em relação ao casal Francisco Ferreira de Moura e Maria de Mendonça Bezerra, ao passo que identificamos também os laços familiares entre eles. Desse modo, averiguamos que, na coleção documental *Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo*, a Baronesa Mariana da Costa Pinto, esposa do Barão de Jeremoabo, é tetraneta do casal de fundadores; na coleção *Cartas do Acervo Dantas Jr.*, João da Costa Pinto Dantas Júnior (Dantas Jr.) é hexaneto do casal de fundadores e neto do Barão e da Baronesa de Jeremoabo; e, na coleção documental *Cartas Baianas*, Aracy Leonardo Pereira¹⁷ é hexaneta do casal de fundadores e bisneta de Manoel Lopes da Costa Pinto, Barão e Visconde de Aramaré e Grande do Imperial do Brasil, irmão

¹⁵ A coleção documental *Cartas do Acervo Dantas Jr.* reúne 242 cartas enviadas a João da Costa Pinto Dantas Jr. (Dantas Jr.), com exceção de 5 cartas, enviadas ao seu pai, João da Costa Pinto Dantas (Joãozinho), escritas pelo próprio Dantas Jr. As cartas, datadas entre 1902 e 1962, foram produzidas por 113 remetentes (7 mulheres e 106 homes), identificados como brasileiros, sendo apenas 1 português. A coleção está disponível no site CE-DOHS e integra a *Coletânea Cartas Brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português: Volume 2 (1902-1993)* – Zenaide de Oliveira Novais Carneiro; Mariana Fagundes de Oliveira; Norma Lucia Fernandes de Almeida (org.).

¹⁶ A coleção documental *Cartas Baianas* reúne 102 cartas, pertencentes ao acervo particular de Dr. João da Costa Pinto Victoria, produzidas na primeira metade do século XX por 5 mulheres cultas e semicultas, nascidas entre 1858 e 1905, oriundas de Salvador, Santo Amaro e Rio de Janeiro, que pertencem a famílias com representatividade no Brasil Colônia e no Brasil Império (VICTORIA, 2011). De acordo com Dr. João da Costa Pinto Victoria, nas *Notas do Acervo Cartas Baianas: notícias dos missivistas e dos destinatários*, que constam no volume 2 da coletânea *Cartas Brasileiras (1809-2000)* (cf. CARNEIRO; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2011), os remetentes e os destinatários “estão todos ligados por laços consanguíneos ou de afinidade, e alguns, a mais, por parentesco religioso – compadres, padrinhos e afilhados” (VICTORIA, 2011, p. 27).

¹⁷ Escreveu 53 cartas, destinadas para seus padrinhos, que também são seus primos maternos: 3 para seu padrinho João Ferreira de Araújo Pinho Júnior; e 50 para sua madrinha Maria de Carvalho Araújo Pinho.

de Antônio da Costa Pinto, Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, Barão, Visconde e Conde de Sergimirim e Grande do Império do Brasil, o pai da Baronesa de Jeremoabo; também prima de Dantas Jr.

Quanto aos integrantes da família Estrela Tuy que são remetentes e/ou destinatários do CDFET, também descendentes do casal fundador, notamos que Antonia de Lima Estrela e sua irmã Leonidia de Lima Estrela, como também seus primos, os irmãos João Ascendino de Souza Estrela e José Gomes de Souza Estrela, são hexanetos; os irmãos Joaquim de Souza Estrela, Maria de Souza Estrela [Maria Estrela Tuy], Rachel de Lima Estrela e Pedro de Souza Estrela, assim como sua prima Arlinda Gomes Estrela são heptanetos; os irmãos Antonio César Estrela Tuy, José Augusto Estrela Tuy, Maria de Fátima Estrela Carneiro Tuy, além de seus primos Dilza Alves dos Santos [Loura Estrêla], Valdeci Estrela Carneiro, Wilma Estrela Carneiro e José Jalmirez Cerqueira Estrela [Mirez] são octanetos; e os irmãos Ana Rita Maciel de Lima, Salette Maciel de Lima e João Carlos Maciel de Lima são eneanetos¹⁸.

A metodologia para ilustrar o lugar de produção/recolha das coleções documentais do CE-DOHS

O CE-DOHS, pioneiro no Nordeste, reúne extensa base documental, que já ultrapassou as fronteiras dos sertões, constituída para estudo da história do português brasileiro e apresentada em dois conjuntos, editados em linguagem *xml*, a partir da edição semidiplomática: conjunto 1 – composto por manuscritos produzidos entre 1823 e 2000, por indivíduos nascidos no Brasil, a partir de 1724, e por amostras de fala de brasileiros, gravadas na década de 90 do século XX, na Bahia; conjunto 2 – composto por manuscritos produzidos entre 1640 e 1822, por diferentes populações nascidas no Brasil, a partir de 1590, e, como documentação adicional, por manuscritos produzidos por portugueses, no Brasil, nos primeiros 150 anos de colonização¹⁹.

¹⁸ Em 2016, quando da pesquisa de campo acerca dos correspondentes do *CDFET*, Priscila Tuy Batista, durante o seu período de mestrado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), teve notícias, por meio de um dos informantes, sobre a construção da árvore genealógica feita por João da Costa Pinto Victoria (VICTORIA, 2003), na qual era possível encontrar informações sobre parte dos remetentes e dos destinatários da família Estrela. O mesmo informante, que também teve a sua ancestralidade registrada na árvore genealógica em questão, foi presenteado por Dr. João da Costa Pinto Victoria, com uma cópia da obra. Generosamente, essa cópia foi-nos emprestada e, ao analisá-la, foi identificada a ancestralidade comum de tais famílias. Cabe apontar ainda que, durante sua Iniciação Científica na mesma universidade e sob orientação da Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Noivais Carneiro, a pesquisadora trabalhou com a coleção documental *Cartas Baianas*, além de ser a responsável por sua edição eletrônica, disponível no site do CE-DOHS; revisou a edição semidiplomática fac-similar que constitui o *volume 2* da coletânea *Cartas Brasileiras*, publicada em 2011, época em que as relações familiares supracitadas ainda não tinham sido notadas.

¹⁹ A inserção de toda a documentação em *xml* está prevista para dezembro de 2023. Grande parte da documentação, em edição fac-similar e semidiplomática, encontra-se publicada nas coletâ-

O CE-DOHS disponibiliza ao consulente, por meio de acesso livre e gratuito, cerca de 3.997 documentos, com, aproximadamente, 2,3 milhões de palavras, tendo atingido a meta traçada quando de sua criação, em 2010, consolidando-se como um banco de textos com criterioso controle sócio-histórico e interfaces para a exploração de dados.

No que tange às coleções documentais, o consulente pode acessá-las de forma independente e obter todas as informações disponíveis nas seguintes abas: *Locais de recolha*, *Locais de nascimento* e *Sites*. Neste trabalho, daremos destaque aos *lugares de produção/recolha* das coleções documentais, que apresentam as seguintes situações:

Situação 1: os lugares de produção/recolha estão preservados e com extenso material disponível na internet, por meio, sobretudo, de vídeos, imagens e sites²⁰;

Situação 2: os lugares de produção/recolha estão preservados, mas sem material disponível na internet;

neas *Cartas Brasileiras*, atualmente com 3 volumes, coordenada por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, e *O Sertão por Escrito*, com 2 volumes, coordenada por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda. No prelo, encontram-se os volumes 4 e 5 de *Cartas Brasileiras* e, em organização, os volumes 6, 7 e 8, sob coordenação geral das referidas professoras.

²⁰ Podemos citar a coleção documental *Cartas para Cícero Dantas Martins, o Barão de Jeremoabo* como exemplo de coleção do CE-DOHS que possui fontes de informação disponíveis sobre os lugares de produção/recolha, nascimento e escrita; é possível encontrar diferentes fontes sobre o Barão de Jeremoabo, como a extensa pesquisa de Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior, cujas informações estão reunidas em trabalhos diversos, como em sua dissertação de mestrado, intitulada *Cícero Dantas Martins – de Barão a Coronel. Trajetória Política de um Líder Conservador na Bahia 1838-1903*; também no Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo, criado em 2009 pelo pesquisador, para preservar a memória histórica e cultural do sobrado, que foi construído pelo Barão de Jeremoabo, em 1894. O Museu tem um site próprio, disponível em: <museubaraodejeremoabo.com.br>. Ainda, é possível encontrar, na *internet*, vídeos, imagens, publicações e outros trabalhos acadêmicos sobre o Barão de Jeremoabo. Outro exemplo é a *Coleção Documental Brejo do Campo Seco – Livro do Gado, Livro de Razão e outros documentos*, sobre a qual há diversas fontes de informação, sobre a família e os documentos, disponíveis na *internet*; o casarão, que foi demolido, está em processo de reconstrução em 3D, como parte do trabalho de doutoramento de Rui Marcos Moura Lima, colaborador do CE-DOHS. Por fim, citemos, como exemplo, a coleção documental *Cartas para vários destinatários*, que traz, no seu conjunto, cartas de Maria Augusta F. Argolo, enviadas ao seu pai, o Barão de Cajaíba, remetidas do Engenho Cajaíba. As informações sobre o casarão são encontradas em distintos formatos: trata-se de imagens, vídeos e matéria jornalística (cf. matéria feita pelo Mosaico Baiano: <http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Mosaico-Baiano/noticia/2015/03/ilha-de-cajaiba-conta-historia-do-brasil-colonia-no-interior-da-bahia.html>). O casarão também foi cenário da telenovela *Velho Chico*, produzida pela TV Globo, em 2016 (cf. <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/velho-chico-elenco-grava-cenas-ineditas-as-margens-do-rio-sao-francisco-20129649.html>).

Situação 3: os lugares de produção/recolha foram demolidos ou estão estruturalmente comprometidos (abandonados, em processo de desabamento, impróprios para visitação) e há documentação para identificação, em ambiente virtual; no caso daqueles que não possuem informações precisas, a identificação é feita por aproximação com construções arquitetônicas similares.

A *Situação 3* é a considerada neste trabalho. O método utilizado é a modelagem 3D²¹, demonstrada em parte da coleção documental Família Estrela Tuy. A modelagem computacional ou modelagem 3D fotorrealista tem a capacidade de, tridimensionalmente, reconstruir as estruturas arquitetônicas, a partir de diferentes técnicas e *softwares*, tais como: *SketchUp*, *3Ds Studio Max*, *Corona Renderer* e *Photoshop*. São as seguintes as etapas de execução:

1. Levantamento detalhado dos lugares, por meio de consulta a fontes diversas, incluindo as fornecidas nos próprios documentos;
2. Execução por especialistas em modelagem 3D fotorrealista;
3. Implementação na Plataforma CE-DOHS.

No caso da aplicação que será apresentada aqui, foram utilizadas diferentes ferramentas para a reconstrução em 3D da casa de fazenda da coleção documental Família Estrela Tuy: (i) *SketchUp* – utilizada para modelar a estrutura externa e a base do projeto; (ii) *3Ds Studio Max* – utilizada para as modelagens mais detalhadas, como a dos móveis e a texturização, por exemplo; (iii) *Corona Renderer* – utilizada para fazer a renderização das imagens e criar o efeito fotorrealista; e (iv) *Photoshop* – utilizada para o tratamento das cores (realce e aplicação de filtros)²².

Um primeiro roteiro para um tour no CE-DOHS

Nesta seção, apresentamos um primeiro ensaio para um *tour* virtual no CE-DOHS, descrevendo o passo-a-passo para a reconstrução em 3D de casarões e casas de fazenda, cenário do CDFET.

A primeira casa reconstruída em 3D foi a da Fazenda Mocambo, situada no município de Biritinga, Bahia, que aparece, com frequência, nas correspondências

²¹ Cf. Fernandez (2017), para mais detalhamentos.

²² A execução do projeto em 3D foi feita por Tiago Teles Lobo da Silva, estudante de Arquitetura e proprietário da empresa *Studio Invictus*, sediada em Feira de Santana, Bahia. O serviço foi custeado com recursos financeiros do Edital Interno 001/2021 - Auxílio Financeiro a Projetos de Pesquisa e Inovação, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), via Termo de Outorga nº 048/2021 e Termo de Outorga nº 070/2021.

do CDFET, como local de escrita, de destino e de guarda de grande parte da documentação²³. Originalmente, a casa foi construída na década de 1940, a pedido de João Ascendino de Souza Estrela, o proprietário das terras, para ser a residência do vaqueiro que lhe prestava serviços. Tratava-se de uma construção feita em *taipa de mão*²⁴, erguida em uma demarcação de terras, na época identificada apenas como Mocambo, que fazia parte da Fazenda Caatinga do Mendes. Em meados dos anos 50, Maria Estrela Tuy recebeu de seu pai, o proprietário, a posse de terras Mocambo, onde fixou residência com seu esposo, Antonio Carneiro da Silva Tuy, e três de seus quatro filhos. Com a chegada do casal, a casa foi reformada e ampliada, passou a ser uma construção de tijolos de adobe²⁵, com parte do reboco em cimento, e a propriedade se tornou conhecida como Fazenda Mocambo. A casa também é o local de nascimento de uma das principais remetentes da coleção documental, Maria de Fátima Estrela Carneiro Tuy, filha mais nova do casal²⁶.

Mesmo sendo lugar de produção, de envio e de recebimento de parte das correspondências, essa casa de fazenda não reflete a realidade vivida pela matriarca, Maria de Souza Estrela [Maria Estrela Tuy], enquanto residia na casa de seus pais, durante sua infância, adolescência e parte da vida adulta, e por alguns de seus familiares, também correspondentes na coleção, pois eram considerados a elite rural da época, padrão ao qual o tipo de construção apresentada não faz jus²⁷. Mais uma vez, por

²³ Atualmente, a estrutura da casa está comprometida por infestação de cupins e pelo desabamento de algumas paredes.

²⁴ Taipa é um método de construção em que as paredes são construídas com barro e tiras de madeira dispostas horizontalmente. O método utilizado na casa foi o da *taipa de mão* – varas e peças de madeira são amarradas horizontalmente com cipós, resultando em um entrelaçamento que forma vãos, que são preenchidos com barro molhado (conhecido na região como *barro de liga*, uma mistura de água e barro).

²⁵ Os tijolos de adobe são feitos com barro cru, água e palha. A massa é modelada em formas retangulares e é exposta ao sol, para secar.

²⁶ A quarta criança do casal, Maria de Fátima Estrela Carneiro Tuy, nasceu na Fazenda Mocambo, diferente de seus irmãos, que nasceram em um hospital, em Alagoinhas, Bahia. O fato ocorreu por erro na contagem das semanas gestacionais, resultando no nascimento na fazenda, com o auxílio de uma parteira, por ser inviável a locomoção até um hospital. O acontecimento é relatado por Antonio Carneiro da Silva Tuy em uma carta (carta 127) enviada ao Sr. Otávio, um de seus amigos.

²⁷ A família de Maria pertencia à elite rural, sendo seus avós maternos o capitão e agricultor Manoel Alves de Lima Estrela e Jesuína das Virgens Lima, que, de acordo com Victoria (2003, p. 131), eram proprietários e posseiros de terras em diferentes localidades baianas: “[Manoel] sobreviveu à esposa e em sua meação reteve a propriedade de parte das fazendas Bom Sucesso, em Irará, Olhos d’Água, à margem do rio Paracatu, e Pau Ferro, e a posse de parte das terras na Baixinha, em Ouriçangas, e as posses à margem do rio Camorogi, e de areia no Cabeço e entre as fazendas Retiro e Encarnação. [...] O casal era posseiro na Catinga do Mendes.” E seus avós paternos eram Maria Gomes de Sousa e Francisco Alves de Souza Estrela, tenente e proprietário da fazenda Outeiro Redondo, em Irará (cf. VICTORIA, 2003). Quanto aos seus pais, a mãe, Leonidia de

consequente, afirma-se a importância da análise paleográfica e da consideração das questões propostas no campo da *História da Cultura Escrita*, referidas neste texto; a paleografia é indispensável para a investigação acerca não apenas do texto escrito, sua datação, localização e os recursos utilizados na produção (instrumentos, materiais, modelos), mas também sobre quem escreveu, para quem e para que escreveu, com que função, abordando, assim, o ambiente sociocultural ao qual pertencia o escrevente, a difusão social da escrita, a finalidade ideológica e social, em seu tempo e lugar. No caso específico das correspondências do CDFET, outras duas construções, uma casa de fazenda e um casarão, que já foram demolidas, também serão reconstruídos em 3D, para ilustrar a realidade de parte desses indivíduos e lançar luz à investigação sócio-histórica, uma vez que o contexto social se faz refletir na variedade de língua desses indivíduos.

Para fazer a reconstrução, optamos por uma modelagem 3D fotorrealista, que, por possibilitar a reprodução de objetos e detalhes da casa, permitiu criar imagens próximas das reais e preservar características arquitetônicas típicas de casas rurais nordestinas²⁸. Para tanto, foi necessário fazer fotografias e vídeos da casa e dos móveis ainda existentes e desenhar a planta baixa dos cômodos, materiais fundamentais para oferecer condições de recriação dos ambientes. Também realizamos uma série de entrevistas narrativas com Maria de Fátima Estrela Carneiro Tuy, que foi moradora da casa, entre os anos de 1959 e 1974, e participou do processo de modelagem 3D, analisando as imagens e descrevendo características dos objetos e da construção, além de contar a história do imóvel.

A proposta da modelagem foi proporcionar ao visitante um *tour* virtual 3D pelos principais cômodos da casa, especificamente o trajeto feito ao entrar pela porta da frente até chegar ao quarto onde ficava um baú, o móvel utilizado ao longo do século XX para armazenar a maior parte das correspondências da CDFET, sendo esse último cômodo uma modelagem VR 360, detalhada adiante. Desse modo, o projeto de modelagem incluiu a fachada da casa (com a varanda), a sala de estar, a sala de jantar e o quarto 3, onde o baú era guardado, ambientes identificados na planta baixa, *Figura 3*.

Lima Estrela, era coproprietária na Fazenda Pau Ferro e co-posseira na fazenda Baixinha em Ouriçangas, Bahia; e seu pai, João Ascendino de Souza Estrela, era proprietário da fazenda Baixinha, em Irará, e da Fazenda Caatinga do Mendes, em Biritinga (VICTORIA, 2003).

²⁸ Sobre o patrimônio arquitetônico característico de casas nordestinas, vale conferir o trabalho do artista plástico baiano Edson Duarte Marques da Silva, disponível em <Casas Antigas do Sertão | Edson Duarte - Bahia (casasdosertaoemminiaturas.com.br)>.

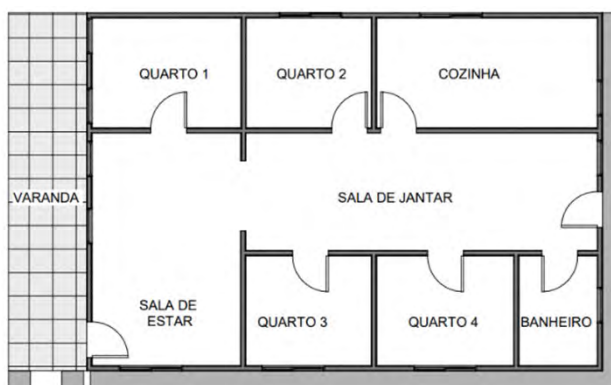


Figura 3. Planta baixa da casa da Fazenda Mocambo, Biritinga-BA²⁹.
Fonte: site CE-DOHS – Lugares de recolha, Coleção documental Família Estrela Tuy.

As primeiras imagens da casa reconstruídas em 3D são apresentadas a seguir, na *Figura 4*. Em (A) e (B), é possível observar a fachada da casa, com o telhado de duas águas, janelas e porta de madeira, pintadas em azul, e a parede branca queimada com cal, além da varanda e do terreiro varrido, livre de ervas daninhas, cenário característico das casas sertanejas. Em (C), (D) e (E), é apresentada a sala de estar, o primeiro cômodo que vemos ao entrar pela porta da frente: uma sala pequena, iluminada pela luz natural, com sofás posicionados próximos a uma das janelas. O cômodo dá acesso a um quarto e à sala de jantar, e era utilizado pela família para receber visitas, conversar depois do almoço e descansar. Em (F) e (G), observamos a sala de jantar, com uma mesa e dois bancos compridos de madeira, que dava acesso a todos os outros ambientes da casa: os demais quartos, a cozinha e o banheiro. Além de ser utilizada para as refeições, essa sala serviu de espaço para a leitura e a escrita de correspondências e era o local da casa mais utilizado pelo patriarca da família, Antonio Carneiro da Silva Tuy, para fazer anotações nos cadernos de registro das atividades da fazenda e para a leitura, principalmente, de livros, que eram armazenados também no baú. Por fim, (H), (I) e (J) trazem imagens do interior do *quarto 3*, onde ficava o baú. O cômodo era utilizado como quarto de visitas e foi apelidado pelos moradores da casa de *quarto do santo*, nome justificado pela presença de um grande oratório sobre uma mesa, apresentado em (J), ambos de madeira, com a imagem de Santo Antonio em seu interior, além de outras figuras religiosas. Em (H), é trazida a imagem que temos ao entrar no quarto, e, em (I), é apresentada a reprodução em 3D dessa imagem.

²⁹ A planta baixa da casa foi desenvolvida por Linoel Júnior, estudante de Engenharia Civil e proprietário da empresa *Theta Empreendimentos*, sediada em Feira de Santana, Bahia. Para o desenvolvimento, foi utilizado o *software Revit*. As proporções das medidas dos cômodos são tamanhos aproximados.



Figura 4. Casa onde residiam Antonio e Maria: imagens reais (datadas de janeiro de 2019) versus reconstrução em 3D (datadas de maio de 2022). Fazenda Mocambo, Biritinga, Bahia.

(A) **Fotografia** da fachada da casa. (B) Reconstrução em 3D da fachada. (C) Fotografia da primeira sala (sala de visitas). (D) Reconstrução em 3D da primeira sala (visão da porta de entrada). (E) Reconstrução em 3D da primeira sala (visão da passagem da porta da segunda sala). (F) Fotografia da segunda sala (sala de jantar). (G) Reconstrução em 3D da segunda sala. (H) Fotografia do terceiro quarto, onde era guardado o baú. (I) Reconstrução em 3D do terceiro quarto com baú. **Fonte das fotografias:** acervo pessoal. **Créditos das imagens:** Josicélia Tuy. **Fonte das imagens em 3D:** site CE-DOHS – Locais de recolha, Coleção documental Família Estrela Tuy.

A *Figura 5* traz a reprodução de como era a organização interna do *quarto 3*, além de fotografias e da reprodução, em 3D, do baú, onde eram armazenadas as correspondências junto a documentos, livros e fotografias da família, de familiares e amigos dos residentes. Como observamos na reprodução em (A), ao lado do oratório, ficava o baú. O baú, apresentado nas fotografias em (B) e (C) e na reprodução em 3D em (D), foi confeccionado por Antonio, na década de 40, durante o período em que morou em Salvador, Bahia. O móvel era muito estimado por seu criador e o acompanhou pela maior parte de sua vida, nos diferentes lugares onde viveu. Em 1953, Antonio se casou e levou o baú para a Fazenda Caatinga do Mendes, para a casa de seus sogros, João Ascendino de Souza Estrela e Leonidia de Lima Estrela, onde permaneceu com sua família, até 1956, ano em que fixou residência na Fazenda Mocambo. O baú continuou na mesma fazenda até ser transportado para a cidade de Serrinha, Bahia, em 2008, onde Antonio residiu até seu falecimento.



(A)



(B)



(C)



(D)

Figura 5. Reprodução do interior do quarto 3 e fotografias do baú (datadas de 2016). (A) Reprodução em 3D da organização interna do quarto, oratório e o baú ao lado. (B) Fotografia do baú, parte externa. (C) Fotografia do baú, parte interna. (D) Reprodução em 3D do baú, na posição em que o móvel ficava no quarto onde era armazenado. Fazenda Mocambo, Biritinga, Bahia. **Fonte das fotografias:** Priscila Tuy/extraídas de Tuy Batista (2017a, p.41). **Fonte das imagens em 3D:** site CE-DOHS – Lugares de recolha, Coleção documental Família Estrela Tuy.

Diferente dos demais cômodos, esse quarto foi modelado em 360/3D, o que permite que o visitante interaja com o ambiente, navegue pelo cômodo com uma visão em 360° e confira detalhes dos objetos e da estrutura. Ao clicar no baú, o visitante será redirecionado para a página do site CE-DOHS, que traz a lista das correspondências do CDFET, editas em *xml*.

A reconstrução em 3D do CDFET está disponível no site do CE-DOHS e pode ser acessada pelo *menu* vertical, em *Coleções documentais > Lugares de recolha*, ou através do link <http://www5.uefs.br/cedohs/view/local_guarda.html>.

Considerações finais

Como vimos, tratando-se o banco de textos do NELP/UEFS de um banco com criterioso controle sócio-histórico – sendo as informações possíveis sobre os escreventes, como nome, data de nascimento, local de nascimento, gênero, e sobre os documentos, como destinatário, data, local, gênero do documento e conteúdo, registradas em fichas catalográficas –, sua apresentação em produções audiovisuais em 3D é tanto possível quanto desejável, dando a conhecer ao grande público, em formato e linguagem inovadores, sua riqueza documental.

A reconstrução desses lugares de produção/recolha é importante porquanto podem fornecer pistas que auxiliam na investigação, principalmente sobre quem escreveu e sobre a função da escrita, sobre o ambiente sociocultural, a difusão social da escrita, a finalidade ideológica e social em seu tempo e lugar. Portanto, demais casas e os casarões que foram selecionados para serem reconstruídos, citados nas coleções documentais do CE-DOHS, já estão em processo de desenvolvimento de modelagem 3D e, em breve, também estarão disponíveis no site do projeto.

Este primeiro ensaio para um *tour* virtual no CE-DOHS demonstrou quanto ainda pode o NELP oferecer à comunidade, científica e escolar, dando maior visibilidade à rica documentação reunida ao longo de 25 anos, com grande esforço dedicado à sua metodologia de organização, que envolve a prospecção documental em fontes confiáveis, a caracterização sócio-histórica das coleções documentais, as edições em diferentes formatos, o processamento e armazenamento de dados, e sua disponibilização.

Referências

ANDRADE, A. F.; MEDINA, S. S. S. O uso de imagens de satélite do Google Earth como recurso didático para o ensino de projeções de coberturas. *In: XVIII Simpósio Nacional de Geometria e Desenho Técnico e VII International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design, 2007, Curitiba. Anais do Graphica 2007*. Curitiba: Departamento de Desenho - UFPR, 2007. Disponível em: <http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/OUSODEIMAGENS.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CARNEIRO, Z. O. N. *Cartas brasileiras (1809 – 1904): um estudo linguístico-filológico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas, 2005.

- CARNEIRO, Z. O. N. (org.). *Cartas brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português – V1*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011. 1 v.
- CARNEIRO, Z. O. N.; OLIVEIRA, M. F.; ALMEIDA, N. L. F. (Org.). *Cartas brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011. 2 v.
- CARNEIRO, Z. O. N.; LACERDA, M. F. O. (org.). CE-DOHS - *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (2012-2025)*. Disponível em: <http://www.uefs.br/cedohs>. Acesso em: 03 mar. 2022.
- CARNEIRO, Z. O. N.; LACERDA, M. F. O. *Corpus Eletrônico de Documentos históricos do Sertão: etapa 01 (1750-2000)*. *Revista Binacional Brasil Argentina, Vitória da Conquista*, v. 8, n. 1, p. 205-221, jul. 2019. Semestral. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/5588>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- CARVALHO JUNIOR, A. P. D. *Cícero Dantas Martins – de Barão a Coronel: trajetória política de um líder conservador na Bahia, 1838-1903*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- FERNANDEZ, L. E. O. *Método Genérico para Estimulação e Modelagem do Erro em Dados de Profundidade de Sensores para Visão 3D*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecatrônica) – Centro de Tecnologia. Universidade Federal do Rio de Grande do Norte, Natal, 2017.
- FREYRE, G. *Sobrados e Mocambos: decadência do Patriarcado Rural no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Ed. Schimdt, 1933.
- GUINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- KUCERA, H.; FRANCIS, W. N. *Computational Analysis of Present Day American English*. Providence: Brown University Press, 1967.
- LACERDA, M. F.; CARNEIRO, Z. O.; SANTIAGO, H. S. (org.). *Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa*. URL: <https://nelp.uefs.br/>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- LE GOFF, J. et al. (ed.). *La nouvelle histoire*, Paris, 1978.
- LE GOFF, J., NORA, P. (eds). *Faire de l'histoire*, Paris, 1974. [Trad. inglesa. 10 ensaios. Cambridge: Constructing the Past, 1985.
- MALLON, J. *Paléographie Romaine*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Antonio de Nebrija de Filología, 1952.
- MATTOS E SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Volume III: novos estudos. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 443-464.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOSO, K. M. Queirós de. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

OLIVEIRA, K. Fontes para a história do português popular brasileiro: partidas e contrapartidas. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, 2010. v. 16, p. 9-28.

OLIVEIRA, K. As tábuas votivas do século XVIII ao XX: mais uma fonte para a história do nosso latim vulgar. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H. F.; SOLEDADE, J. (org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 132-173.

OLIVEIRA, K. Cartas e bilhetes de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião: sócio-história, funções e um pouquinho de descrição linguística. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H. F.; GOMES, L. (org.). *Novos tons de Rosa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 117-128.

OLIVEIRA, K. Ajuntamento de fontes para a história do português popular brasileiro: amores, desamores e outras espécies de dores. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H. F.; GOMES, L. (org.). *Novos tons de Rosa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 175-195.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Um breve panorama. *Humanidades Digitais*, 2011. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama>. Acesso em: dez. 2022.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C.; KEPLER, F. N.; FARIA, P. P. F. *eDictor*. Versão 1.0 beta 10, 2013. [Software]. Disponível em: <https://edictor.net/download>.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. As Humanidades Digitais Globais? Anotações. *Humanidades Digitais*, 2015. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/hd2015/anotacoes>. Acesso em: dez. de 2022.

PETRUCCI, A. *La ciencia de la escritura: Primera lección de Paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003, p. 7-8.

PETRUCCI, A. Para la historia del alfabetismo y de la cultura escrita: métodos, materiales y problemas. In: *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona: Gedisa, 1999, p. 25-39.

PONCIONI, C. *O Brasil visto por Louis Léger Vauthier (Pernambuco, 1840-1846) – Diário e cartas*. Navegações. Ensaios. v. 3, n. 2, p. 121-129, jul./dez. 2010.

SANTIAGO, H. S.; LACERDA, M. F. O.; BRITO, R. C.; CARNEIRO, Z. O. N. CE-DOHS: um banco de dados sociolinguísticos para a história do português brasileiro. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 7 (Especial): 311-329, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7iespec.41640>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SILVA, E. D. M. *Casas Antigas do Sertão* – Exposição virtual de arte. Disponível em: <https://www.casasdosertaoemminiaturas.com.br/>. Acesso em 20 mar. 2022.

TUY BATISTA, P. S. E. *O uso de tu/você em cartas baianas pessoais do século XX em relações de simetria*. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

VICTÓRIA, J. C. P. *Memória Histórica e Genealógica dos Mendonça Bezerra Ferreira de Moura: Uma saga de religiosidade e colonização – desenvolvimento e atualização da árvore genealógica das principais famílias do Pedrão*. 2. ed. Salvador: Núcleo de Estudos Genealógicos e Heráldicos da Bahia, 2003.

VICTÓRIA, J. C. P. Notas do acervo Cartas Baianas: notícias dos missivistas e dos destinatários. In: CARNEIRO, Z. O. N.; LACERDA, M. F. O.; ALMEIDA, N. L. F. (org.). *Cartas brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português*. 1 ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, v. 2.

VILHENA, L. S. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Itapuá, 1969. 3v.